**EDUCAÇÃO CONSCIENTIZADORA: UM ESTUDO EM PAULO FREIRE**

Mayara Viviane Silva de Sousa

(UERN, mayaraviviane.ped@gmail.com)

**RESUMO**

O artigo objetiva apresentar um estudo sobre uma análise da educação como uma ferramenta para conscientização dos indivíduos, usando como embasamento principal o livro *Pedagogia do Oprimido*, do autor Paulo Freire. À vista disso, buscamos realizar uma pesquisa bibliográfica tendo como principal embasamento Freire (2011), porém foram utilizados outros autores e leituras como Nascimento (2011) e Ribeiro (1992). A pesquisa iniciou seu percurso com leituras e estudos de conceitos considerados fundamentais para o desdobramento do tema, como as concepções de opressor e oprimido, educação “bancária”, a importância do diálogo para a relação educador/educando, a conscientização para o desenvolvimento do pensamento crítico, a educação libertadora, a reflexão e a ação do homem sobre o mundo. A partir das considerações Freirianas de que a educação pode mudar a reflexão e, consequentemente, a ação do indivíduo oprimido em sociedade, desenvolvemos a posição de que somente a conscientização pode levar ao caminho da liberdade e da mudança na realidade deste. Consideramos ainda a importância do papel do docente ao instigar de seu educando sua ação-reflexão para que este processo ocorra. Por conseguinte, compreendemos que com o estudo feito da temática é imprescindível para pensar a educação de forma diferente e inovadora, buscando melhorar o crescimento crítico tanto do educador quanto do educando.

**Palavras-Chave:** Conscientização. Educação Libertadora. Diálogo.

**INTRODUÇÃO**

A pesquisa desenvolvida neste artigo teve interesse despertado a partir de leituras dos escritos de Paulo Freire, educador brasileiro de grande influência na pedagogia crítica. Suas abordagens relacionadas à assuntos da educação propõe métodos baseados no diálogo e conscientização política do indivíduo. Ao considerar a temática importante, compreendo que com o estudo feito será possível pensar a educação de forma diferente e inovadora, refletindo sobre o crescimento crítico tanto do educador quanto do educando.

Sendo assim, a pesquisa procura apresentar um estudo sobre uma análise da educação como uma ferramenta para conscientização dos indivíduos, buscando refletir sobre a importância da consciência crítica para educadores e educandos. Pretendo discutir sobre a educação e conscientização concomitante com as ideias do autor citado, na perspectiva de entender como se aplica na prática do docente e do discente contribuindo para um conhecimento analítico de ambos.

Portanto, para alcançar os objetivos pensados foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo como principal embasamento Freire (2011), porém, foram utilizados ainda outros autores e leituras como Nascimento (2011) e Ribeiro (1992).

Consideramos as questões relacionadas à educação um amplo espectro de infinitas possiblidades e questionamentos, desta maneira, as ideias de Paulo Freire vêm nos ajudar a refletir sobre uma educação concientizadora que pode obter grande êxito se compreendida e trabalhada por docentes.

**A OPRESSÃO E DESUMANIZAÇÃO DO INDIVÍDUO OPRIMIDO**

Devido ao sistema econômico atual do nosso país, é possível perceber que oportunidades dos indivíduos não são as mesmas, e, além disto, as relações de opressão se dão no cotidiano das pessoas. Entretanto, a não conscientização dos indivíduos levam ao fato de que estes não se enxerguem enquanto oprimidos, mas que compreendem sua realidade devida a um “destino”. Sendo assim, estes não compreendem sua posição como decorrência de uma situação fixada que é injusta e imposta por terceiros.

As situações vivenciadas pelos oprimidos, determinadas pelos opressores, levam a alienação, o roubo de sonhos e da própria humanidade destes. A partir do momento em que compreendemos a desumanização como impor que um ser humano seja menos que o outro, tirando seu privilégio de viver com todas suas características e expectativas.

Entretanto, apesar de ocorrer assimilação entre a realidade opressora e os acontecimentos do contexto histórico dos indivíduos oprimidos, é necessário entender que a opressão não é designada involuntariamente nos períodos históricos. Deste modo, por trás de grandes cenários de abuso e dominação ocorrem diversas demandas que caracterizam as relações de poder. Portanto, Freire (2011) enfatiza que:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. (...) a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e está, o *ser menos*. (p. 40, grifos do autor).

Desta maneira, é possível entender que em uma sociedade onde a superestrutura é determinada pela classe economicamente dominante a escola tem um papel ideológico opressor, que pode estruturar a educação como ferramenta para as condições de passividade dos sujeitos oprimidos, retirando a possibilidade de construção da consciência crítica e da reflexão, mecanizando o processo de ensino/aprendizagem.

É notório que no início da colonização do país a educação já era bastante discutida entre as classes dominantes da época, isso nos permite ver os reflexos até hoje, onde ainda existem determinadas pessoas que regem decisões sobre outras, em todos os aspectos da sociedade, apesar de muito se referir à democratização, há uma fragmentação de ideais para todas as camadas. Encontramos embasamento em Freire (2011), ao revelar que

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e se­guem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenches­sem” o “vazio” deixado pela expulsão com outro conteúdo — o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. (p. 46).

Freire aponta o que seria incorporar uma nova cultura com outra já estabelecida ao afirmar que “a invasão cultural tem dupla face. De um lado, é já dominação; de outro, é tática de dominação” (FREIRE, 2011, p. 205). Esse tipo de invasão cultural ocasionou então uma eliminação de autonomia de costumes, tradições e liberdade dos indígenas.

Portanto, se torna nítido que as relações de opressão em sociedade existem por diversos fatores. Porém, historicamente é possível observar que o sistema econômico é a principal causa que permite prevalecer as desigualdades e abusos aos oprimidos. Desta forma, a escola e a educação aparece como uma possível ferramenta de alienação, percebendo que os traços opressores podem estar no processo educativo, portanto, cabe a importância de discutir sobre o tema.

**A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Podemos perceber que Freire intitula como educação bancária a forma de ensino onde o vínculo do educador e o educando é uma relação onde o docente tem o papel de transmitir seus conhecimentos, como no ensino tradicional. Desta maneira, o professor apenas expõe seus conhecimentos e o aluno deve gravar e reproduzir da mesma maneira que seu professor ensinou, sem poder expor seus pensamentos.

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transfor­madora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém. Que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa ca­pital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil. (FREIRE, 2011, p. 80).

Deste modo, é possível observar nos escritos do autor que os educandos se tornam como reais depósitos vazios como se estivessem apenas prontos para serem cheios pelos conhecimentos do educador, o professor se torna então o único que detêm todo conhecimento, enquanto o aluno apenas recebe e memoriza.

Assim, o educando pode até mesmo não estar compreendendo o ensinamento do seu educador, mas através das repetições ele acaba memorizando, e mesmo sem entender porque ‘Pará é a capital de Belém’, ele sabe, através da repetição, que Pará é capital de Belém.

Destarte, como se o educador fosse o detentor de todo o saber, de maneira que o aluno chegasse à sala de aula e não trouxesse nenhuma bagagem de conhecimento. Porém, devemos ter o discernimento que o homem possui sim conhecimentos desde o início de sua existência, traz toda uma bagagem histórica, vivências e trajetórias de vida. E sendo assim, passa a existir uma fantasia de que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno não tem sabedoria para expressar.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE, 2011, p. 81).

Deste modo, se torna perceptível que existe grande problema na educação bancária, no qual necessita ser superado, evitando uma educação que desconsidera o homem em seu processo, por esquecer ou ignorar os aspectos históricos, sociais e culturais deste. Entendemos que na educação bancária ocorre a desumanização dos indivíduos, pois estes passam a ser tratados como “coisas”, acarretando uma opressão evidente do educador com o educando.

Por tanto, através de entendimento e compreensão sobre Freire, acredito que a melhor forma de superação desta educação opressora seja possibilitando o indivíduo a *Ser Mais*, a partir da oportunidade do diálogo no processo de ensino/aprendizagem. Este diálogo não pode acontecer sem o uso das palavras verdadeiras que são práxis, sendo realizadas pelo processo de ação-reflexão-ação, pois estas têm o verdadeiro poder transformador de mundo.

Entretanto, não é possível dizer que uma palavra verdadeira gera somente a ação ou a reflexão, para Freire esta seria uma palavra inautêntica[[1]](#footnote-1), na qual não possibilita a transformação, mas acarretaria em mero ativismo, impossibilitando o diálogo.

Sendo assim, as palavras verdadeiras possibilitam a problematização de mundo dos indivíduos que anteriormente estavam em situação de opressão, ou seja, é a partir do diálogo e das palavras que estes distinguirão as violências de dominação vivenciadas e buscarão mudanças reais para o próprio cotidiano. Todo este seguimento será dado na ação-reflexão-ação, onde os indivíduos se renovarão em sua práxis.

Desta forma, compreendo que o diálogo não acontece de forma individual, mas ocorre em união, em conjunto entre os homens no momento em que se entende que a palavra não pode ser privilégio de apenas alguns, mas que é um direito de todos, por isto, Freire enfatiza que é necessário que haja amor entre os homens para que possa ocorrer o diálogo.

Assim, não existe possibilidade de diálogo entre opressores e oprimidos, a partir do momento em que a oportunidade de ser um indivíduo transformador de mundo é retirada através da opressão, pois não existe modo de alguns dizerem por outro aquilo que é ou não uma práxis para mudança da realidade.

Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a *pronúncia* do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 2011, p. 109, grifo do autor).

Paulo Freire revela na *dialogicidade* a esperança de uma educação que leve ao contato mais sensível entre educadores e educandos, que haja espaço para o processo de conscientização e reflexão de todos os homens, sendo norteada a importância da ação junto a este percurso contínuo. Sendo assim, apreendemos que cabe ao educador a árdua tarefa de respeitar e ouvir seu aluno, buscando conhecer mais sobre ele, buscando incluir o diálogo em sua prática educativa, porém sem tentar impor sua própria visão de mundo, mas dando espaço para que este se revele enquanto indivíduo crítico e transformador de mundo.

**A CONSCIENTIZAÇÃO NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO**

Através dos estudos propostos para a realização desta pesquisa entendemos a conscientização em um sentido mais amplo do que o esperado, pois esta gera não somente a reflexão crítica, mas também a ação crítica.

A conscientização não pode existir fora da práxis, pois assim seriam apenas como palavras sem sentido. Logo, ela deve levar o indivíduo à aproximação do mundo, ou seja, este poderá perceber criticamente e problematizar a sua verdadeira realidade de mundo, saindo de uma posição ingênua que se encontram os oprimidos inicialmente e chegando ao processo contínuo de rompimento da realidade.

Sendo assim, como Freire esclarece, compreendemos que o processo de ação-reflexão-ação não acaba, pois quando se chega à *consciência máxima possível*, está é máxima apenas no momento e as mudanças causadas por aquela conscientização alcançada devem servir como exemplo para um novo ciclo, que terá mais maturidade no ser. Com embasamento no autor, ele salienta que

A “conscientização” não tem como base uma consciência, de um lado, e um mundo, de outro; aliás, ela não busca tal separação. Pelo contrário, está baseada na relação consciência-mundo. (...) A criação da nova realidade, tal qual indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo de conscientização. A nova realidade deve ser tomada como objeto de uma nova reflexão crítica. (FREIRE, 2016, p. 57).

Enfatizo que além do que já foi discutido, é importante entender o processo de conscientização como contínuo pelo o fato de que não existe a possibilidade de todas as pessoas estarem problematizando sobre tudo ao mesmo tempo. Os homens encontram mais facilidade em compreender e refletir sobre alguns aspectos e outros não, isto nos leva a pensar então que mesmo que eles estejam conscientizados sobre diversos temas, sempre existirão outros que precisarão ser problematizados ainda.

Mobilizar um processo de conscientização de um grupo social pela ação conjunta e permanente representa um grande desafio para a educação popular problematizadora. Isto porque as pessoas estão ao mesmo tempo conscientes de alguns aspectos da realidade que as cerca e necessitando tomar consciência de outros tantos aspectos desta realidade (NASCIMENTO, 2011, p. 64).

Portanto, percebe-se que as lacunas no entendimento da conscientização e de sua prática se encontram também no espaço educacional, isto só deixa clara a importância dessa práxis sugerida por Freire, que manifesta a realidade e faz enxergar outros pontos de vistas retidos acerca de concepções e valores.

Sendo assim, é possível perceber que só existe a possibilidade de sair de uma consciência ingênua para uma consciência crítica através do processo educativo, por isso a conscientização deve fazer parte da educação e do trabalho de educadores. A transformação e o rompimento de mundo de muitos oprimidos só podem acontecer a partir da educação, infelizmente, muitos professores não enxergam o valor sua docência dentro deste processo.

Por conseguinte, a conscientização pode se dar melhor na reflexão e ação crítica mútua entre educadores e educandos. O docente precisa compreender seu papel para instigar seus discentes em seu processo de ação-reflexão-ação, incentivando a problematização sobre mundo. Além disto, o professor deve buscar uma educação que não “deposite” conhecimentos em seus alunos, mas que os levem a reflexão e questionamentos, pois tanto o educador quanto o educando devem fazer parte ativamente do processo de ensino/aprendizagem.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contudo, a produção deste artigo ofertou um novo horizonte e novos olhares para a práxis da educação. Deste modo, enfatizo o valor da ação-reflexão-ação neste processo, visando que os educandos possam enxergar sua realidade e condição de vida para que, como sujeitos conscientes, tenham a possibilidade de modificar seu meio, agindo sobre este.

Sendo assim, com embasamento em Freire (2011), é possível perceber a importância do papel do educador no processo de conscientização dos indivíduos, apesar de muitas vezes os próprios não se perceberem como fundamentais neste desenvolvimento. E que, além disto, a oportunidade para o sujeito sair de uma consciência ingênua para uma consciência crítica se dá nas suas experiências educativas.

Por fim, considero significativo destacar ainda que a conscientização é indispensável para que o rompimento da realidade possa acontecer, pois esta gera não somente a reflexão crítica, mas também a ação crítica.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. – 50. Ed. rev. e atual – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_­\_\_. **Conscientização/Paulo Freire;** tradução de Tiago José Risi Leme.São Paulo: Cortez, 2016.

\_\_\_\_\_\_­­\_\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 29ª edição, 2006.

MORRETTI, Juliana Aparecida. **A dialogicidade de Freire na construção do diálogo igualitário e suas relações com os princípios da Aprendizagem Dialógica**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007.

NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do. **Círculo de ação-reflexão-ação**: uma possibilidade praxiológica para a prática pedagógica da formação de professores. 2011. Dissertação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal.

RIBEIRO, Maria Luísa dos Santos. **História da Educação Brasileira**: A Organização Escolar. 12ª Edição. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1993. (Coleção Educação Contemporânea).

1. Termo usado por Freire em *Pedagogia do Oprimido.* [↑](#footnote-ref-1)